



Quarteto Alban Berg: a coragem de tocar o novo é o primeiro diferencial do grupo, revelado já no nome

Alban Berg une classicismo e modernidade

Quarteto austríaco apresenta obras de Berg e Schubert, de hoje a sexta, no Teatro Cultura Artística

CARLOS HAAG

Você já reparou que a maioria dos quartetos de corda prefere batizar-se apenas com nomes de compositores clássicos e vetustos? Assim, já se pode adivinhar o primeiro diferencial do Quarteto Alban Berg apenas pelo seu nome, homenagem ao criador do *Wozzeck*: a coragem de tocar o novo. De hoje a sexta-feira, o grupo austríaco apresenta-se no Teatro Cultura Artística (Rua Nestor Pestana, 196, ☎ 256-0223), com obras de Alban Berg e de Schubert. Os ingressos variam de R\$ 30,00 a R\$ 60,00.

O Quarteto Alban Berg foi criado em 1970, em Viena, cidade a que dedicam todo o seu amor e repertório, das obras classicistas do século 18 — Mozart e Haydn —, passando pelo Beethoven denso do século 19, Schubert e

terminando com a modernidade do século 20. Aqui, uma ressalva: entenda-se modernidade no sentido mais estrito da palavra. O conjunto não se aventura em peças contemporâneas e viaja apenas pelos mares agitados de modernos clássicos como a Segunda Escola Vienense, Berio, Schnittke, Wolfgang Rihm, Bartók e Stravinski. Mas como o fazem bem.

Para eles, é um ponto de honra mostrar o novo e o velho em estreita correspondência, sempre que possível evidenciando a con-

PONTO DE
HONRA É
EXIBIR O NOVO
E O VELHO

tinuidade da tradição, mesmo em meio às maiores revoluções formais. Mas, para revelar o espírito musical vienense, o grupo precisou antes ir aos Estados Unidos, onde foram alunos do Quarteto LaSalle, em Cincinnati. Lá, Walter Levin cutucava os jovens austríacos com constantes “por que você fez isso?”

As perguntas provaram ser acertadas, pois, hoje, o Alban Berg é famoso pela precisão de sua leituras, em especial, dos tenebrosos quartetos finais de Beethoven. Em 1971, fizeram sua es-

tréia na cidade natal e, apesar da famosa lerdeza vienense em aceitar o novo, consagraram-se, em pouco tempo, como um dos melhores grupos de câmara europeus. Muitos só torciam o nariz para o que achavam “excesso de entusiasmo” do conjunto. Coisa de ouvinte de quarteto.

Integrais — O Alban Berg já foi responsável pela criação de obras do seu “pai” de batismo, além de peças de Berio, Gottfried von Einem, Fritz Leiermeyer, Wolfgang Rihm e Gerhard Wimberger. Mas os xeretos de lojas de discos já tiveram o prazer de ouvi-los em integrais dos quartetos de Beethoven, Brahms, Berg, Webern, Bartók, bem como nas obras finais de Mozart, Schubert, Haydn, além de Dvórák, Schumann, Ravel e Debussy.

Da formação original dos anos 70, restaram o primeiro-violino Günther Pichler, que toca num Stradivarius de 1710, e o violoncelista Valentin Erben. Para os concertos em São Paulo, o Quarteto Alban Berg completa-se com o segundo-violino Gerhard Schulz (no grupo desde 1978) e o violista Thomas Kakuska (com eles desde 1981). Juntos, eles são garantia de emoções tão fortes quanto sofisticadas.